

Rodrigo Rubido Alonso. Diretor executivo e cofundador do Instituto Elos.

“Em vez de focar em solucionar problemas, trabalhamos por sonhos”

TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

O arquiteto Rodrigo Rubido Alonso, de 42 anos, retornou a Santos depois de uma viagem aos Estados Unidos com um importante prêmio na bagagem. Ele foi o primeiro brasileiro a ser indicado e vencer um dos principais prêmios sobre liderança do mundo, o Eliason Global Leadership. Para isso, ele e os outros três vencedores superaram mais de 250 indicados. O reconhecimento veio graças à sua atuação no Instituto Elos. Ele é diretor executivo e cofundador da instituição santista, que há quase duas décadas vem concretizando sonhos coletivos. A iniciativa começou com um grupo de estudantes de Arquitetura, que decidiu ouvir as necessidades de algumas comunidades e colocar, eles mesmos, as mãos na massa, para concretizar esses desejos. Hoje, o Elos já deixou uma praça, uma creche, uma horta e muita esperança em 400 comunidades de quase 50 países. E, mais do que isso, vai lançando sementes de cidadania, empoderamento e de consciência da capacidade de transformação que existe em viver e lutar juntos.

O que é esse prêmio e o que ele representa para você?

O prêmio é uma ação da Tällberg Foundation, da Suécia, e todo o trabalho gira em torno da pergunta: como podemos viver juntos no mundo? E, para mim, essa é uma pergunta muito inspiradora por conta desta palavra: juntos. Porque trata da questão da convivência e de como podemos ter uma vida boa para todos. Nos últimos anos, eles começaram a discutir o tipo de liderança necessária para atuar no mundo com essa proposta do juntos.

Por que você acha que foi escolhido?

Talvez algo que justifique a minha escolha seja o trabalho do próprio Instituto Elos. Eles estão discutindo muito a questão da liderança compartilhada e é justamente o que a gente faz aqui. Não é o líder que diz como as pessoas têm que fazer. O líder constrói soluções com essas pessoas. É aquele que reconhece os potenciais para conseguir cocriar.

Quem foram os outros ganhadores?

Entre os vencedores, um rapaz de Gana (Bright Simons) que trabalha com tecnologia e aplicativos de celular para certificar medicamentos e reconhecer remédios falsos na África. Também tinha um italiano (Fiorenzo Omenetto) que desenvolve um material orgânico, a partir da produção do bicho-da-seda, para substituir o plástico. Ele fez telas de computador com esse material. A quarta é uma americana (Rebecca Heller), advogada, que criou um serviço de atendimento a refugiados. São pessoas de áreas diferentes fazendo coisas que acreditam ser importantes para o mundo.

E como seu trabalho é importante para o mundo?

Nós trabalhamos a partir do paradigma de abundância. De forma geral, nós fomos educados para ver a escassez. No Elos, trabalhamos para ver e fazer o melhor. Quando entramos numa comunidade, que



dos concretos.

E como isso transforma e empodera as pessoas dentro de uma sociedade que, por mais que existam atribuições, ainda se espera muito que as coisas aconteçam, que o Poder Público faça?

Essa é uma das buscas principais do trabalho. É esse despertar para o poder do coletivo, que leva para além dessa questão de ficar esperando que alguém salve nossa vida. É aquela questão: o que é pessoal, eu bato no peito e digo que é meu sonho e eu vou realizar. Agora, o que é coletivo, sento e fico reclamando que o prefeito não é bom, o vereador não é bom. Como se a nossa felicidade coletiva sempre estivesse na mão do outro. E nosso trabalho tem um impacto direto nessa percepção, mostrando que é possível, em uma semana, construir a praça do bairro, a creche do bairro, com aquilo que o bairro consegue mobilizar.

E quando as pessoas percebem isso, o que muda?

Isso leva a uma cidadania muito mais responsável, porque mexe com o lado hipócrita do cidadão. Porque é confortável você cruzar os braços e reclamar que o outro não faz. Por mais que a gente saiba que nossa política tem que melhorar e temos motivos para ficarmos frustrados, nós temos muita responsabilidade em relação a isso. Nós estamos há anos dando concessão para que as piores pessoas estejam na política, principalmente quando dizemos que política é assim mesmo e que todo político é ladrão. Temos que estimular que as melhores pessoas estejam lá: as mais éticas, mais transparentes, mais eficientes.

Para você, como a sociedade deveria se estruturar?

Para mim, o ideal seria uma sociedade em que tudo é dialogado e que as estruturas hierárquicas estejam a serviço do coletivo. Onde o certo é um pouco do que é certo para mim e um pouco do que é certo para você. No Elos, a gente vive muito isso. Porque nosso valor é decidir as coisas juntos. Cada passo que a gente dá, está todo mundo junto.

Mas demora mais para caminhar?

Eu acho que não. Porque o que a gente vive hoje é o seguinte: a sociedade tem ganhadores e perdedores. Eu ganhei agora e começo a fazer o que eu quero e você vai ter que engolir. Mas, uma hora, você vai passar a perna em mim e vai ganhar. Ai você começa a destruir tudo o que eu fiz para construir o que você quer. Está indo mais rápido? Acho que não. Acho melhor a gente sentar, conversar e dar um passo menor com todo mundo colaborando para que aconteça, do que avançar e depois se destruir tudo. É discutível, mas imagino que seja melhor. Até mesmo para criarmos uma sociedade mais pacífica. Porque essa forma que vivemos hoje estimula a violência.

“É aquela questão: o que é pessoal, eu bato no peito e digo que vou realizar. Agora, o coletivo, sento e fico reclamando que o prefeito não é bom. Como se nossa felicidade coletiva sempre estivesse na mão do outro”

“Nós formamos lideranças que multiplicam essa filosofia de mobilizar pessoas”

tem gente que chama de carente, a gente olha a potência que elatem. Comunidades que muitos acham carentes são riquíssimas. Por outro lado, existem comunidades em áreas nobres que são carentes, por exemplo, da própria relação comunitária. No trabalho do Elos, olhamos para essas potencialidades. Em vez de focar em solucionar problemas, trabalhamos para realizar sonhos.

Qual é a diferença?

Nossa cultura demanda do indivíduo ser a melhor pessoa: a criança mais bonita, mais educada, o melhor aluno da escola ou o adulto de sucesso. Então, temos que sonhar com tudo isso. Agora, para tudo o que é coletivo, a gente faz o contrário e olha para o que está ruim. Não falamos “vamos sonhar nossa sociedade”. Nossa cultura boicota os esforços coletivos. Então, o trabalho do Elos é fortalecer os potenciais individuais das pessoas e, principalmente, colocá-los a serviço de um sonho coletivo. Não só em comunidades ditas carentes.

E há diferença dos sonhos em cada lugar desses?

Mais que diferenças, eu perce-

bo que (eles) têm sonhos em comum. O trabalho do Elos já chegou a 400 comunidades em 49 países. Parte com nossa própria equipe fazendo, outra parte pelo trabalho realizado por pessoas que nós formamos. Mas sonhos ligados à infância são muito comuns. E isso é traduzido com a construção de uma creche, de um parque, de um centro cultural para acolher crianças.

De que forma prática acontece o trabalho do Elos?

Nós formamos lideranças que multiplicam essa filosofia de mobilizar pessoas, impulsionar sonhos coletivos e atuamos no desenvolvimento comunitário. A principal estratégia é o Guerreiros sem Armas (a ação reúne jovens de diferentes luga-

res do mundo para ouvir de comunidades escolhidas o que eles desejam para o local onde moram, e o objetivo é que, juntos, levantem recursos e realizem esse sonho). E cada pessoa formada nos nossos cursos multiplica o que aprendeu de uma maneira. Há pessoas que replicam em comunidades de forma muito parecida com o que a gente faz. Mas tem outras que não.

Como assim?

Por exemplo, a presidente de uma empresa que veio fazer o Guerreiro Sem Armas. Ela não está atuando em uma comunidade, mas numa empresa grande. Ela levou o aprendizado daqui para lá. Ela disse que saiu de trás da mesa e foi para o chão da fábrica, conversando com as pessoas, discutir a empresa

com as pessoas a partir do que aprendeu com a gente. E faz sentido, porque uma empresa também é uma comunidade.

É difícil no mundo em que a gente vive hoje despertar esse olhar? Ou as pessoas anseiam por ouvir tudo isso?

É e não é. É difícil no sentido, por exemplo, de doadores, de investimento. Nosso trabalho não se encaixa em editais, e a consciência sobre tudo isso ainda é pequena nas grandes organizações. Governos estão começando a se voltar para isso agora. Mas estamos em um momento de transição, porque melhorou desde que começamos. Essa é a parte difícil: mobilizar recursos para a causa. Por outro lado, a parte com as pessoas é fácil. Sempre que começamos o trabalho, parece que as pessoas estavam prontas para ele. Isso acontece porque o que estamos falando é algo que está dentro do ser humano, mas em algum momento nos falaram que não era possível. Mas nós conseguimos construir um processo de formação para mudar a educação que tivemos. E as pessoas começam a perceber que dá para se unir, dá para colaborar, e isso gera resulta-